



Patricia Cypriano Seixas <patycys@gmail.com>
■ Psicóloga Clínica, com especializações em Psicanálise e Psicologia Analítica

Palavras-Chave:
→Jornada do Herói
→Adolescência
→Conflito
entre Gerações
→Enantiodromia
→Metanoia

Adultos Heróicos, Jovens em Crise: uma Discussão sobre o Conflito Contemporâneo entre Gerações

Os jovens da atualidade estão com dificuldade de se identificar com o arquétipo do herói e viver a jornada que era típica da primeira metade da vida até pouco tempo atrás. Ao mesmo tempo, os adultos se revelam assustados e intolerantes para com a postura dos mais novos, resistindo a se aproximar deles, sem saber como agir e sem o desejo de se implicar na questão. O intuito do artigo é lançar luz sobre esse impasse por meio de uma discussão com base nos pressupostos teóricos da Psicologia Analítica de C.G. Jung.

Igor Mitoraj, Ícaro Caído,
escultura em bronze, Praça do Milagres, Pisa, Itália
Foto: © Muffinn
<<https://flic.kr/p/ZNdmhw>>
Acesso em 05.dez.2017

*"Parece-me que a desolação tomou conta do mundo.
Separamo-nos em facções com base em política e ideologia.
Afastamo-nos uns dos outros ao preferirmos odiar e atribuir culpa.
Descobrimo-nos sós e desconectados. E terrivelmente amedrontados."*

(BROWN, 2017, loc 535 – Tradução nossa)

A presente reflexão é fruto de observações e indagações que surgiram durante meu trabalho clínico com adolescentes e suas famílias. O processo psicoterapêutico com pacientes nessa faixa etária é delicado e especialmente desafiador porque há um doloroso e longo parto psicológico acontecendo na presença e com o auxílio do analista. A adolescência é uma fase disruptiva porque nela ocorre um franco aceleração na produção de consciência do ser em desenvolvimento, ruptura esta que tende a despertar poderosos sentimentos ambivalentes tanto no jovem que procura dar luz a si mesmo como nos seus progenitores, os quais, por sua vez, se sentem impotentes, excluídos do processo e, não raro, rejeitados e expostos. A adolescência traz ao centro do palco, de maneira visceral e quase explícita, os complexos paterno e materno familiares e individuais do paciente, e acompanhar um jovem durante esse período crítica em psicoterapia é se dispor a participar de uma verdadeira tragédia grega, atualizada para os nossos dias.

SÉCULO XXI – DECADÊNCIA DA ERA DO CONHECIMENTO

A busca competitiva pelo acúmulo de bens e riquezas, pela ascensão social e pelas descobertas científicas que norteou a mentalidade da sociedade ocidental até o início do século XXI está em xeque. As alterações climáticas que assolam o planeta e o perigo de esgotamento dos recursos naturais devidos tanto ao aumento exponencial da população quanto ao excesso de produção e consumo são dados de realidade que denunciam a urgência de modificação na consciência coletiva e no comportamento final da humanidade em geral¹.

Se, por um lado, o investimento massivo e duradouro na produção de consciência individual e coletiva vivido pela humanidade foi fundamental para o nosso desenvolvimento psíquico, por outro a unilateralidade da racionalidade e a consequente confiança cega na função pensamento (princípio masculino da psique) aliadas a um desprezo pela função sentimento (princípio feminino da psique) nos conduziu não só ao almejado progresso mas também a um estado de enorme desigualdade étnico-social e a ameaçadoras polarizações político-religiosas.²

Até a segunda metade do século XX imperava na psique coletiva brasileira – e provavelmente na ocidental como um todo – a expectativa de que a juventude sairia de casa e teria sucesso (prosperaria financeiramente e se multiplicaria, constituindo a própria família). A partir dos anos 50, os pais da classe média à alta cujos filhos adolescentes decidissem cursar faculdades de medicina, engenharia ou direito sentiam-se apaziguados e com a sensação de dever cumprido; a prole estava “encaminhada na vida” e era praticamente garantido que prosperaria. Os jovens eram criados para vencer e a competitividade era inconsciente e patologicamente estimulada, sob a justificativa/racionalização de que na economia de mercado a livre concorrência levaria os preços dos produtos e serviços a baixar e sua qualidade a aumentar etc.

Em outras palavras, em linhas gerais até o final do século XX esperava-se que os jovens dos 18 aos 25 anos se sentissem bem dispostos e bastante confiantes em si mesmos e no mundo para saírem da casa dos pais e encarnarem literal e externamente o seu próprio mito do herói³. Como resultado da realização coletiva e duradoura dessa expectativa, avanços inegáveis e valiosíssimos foram

alcançados em praticamente todos os âmbitos da experiência humana, mas ao mesmo tempo o planeta está depauperado pelo consumo desmedido, pelo sucateamento do valor da vida e do trabalho e perigosamente dividido/polarizado pela cisão resultante de centenas de anos de uma competitividade estratégica e exploratória (amigos x inimigos, excessos x escassez, protecionismo x inveja). Assim, os adultos acabaram por desenvolver um tipo de infelicidade crônica, afinal além de terem se tornado escravos do desempenho sempre necessariamente ascendente, seus vizinhos ou semelhantes passaram a ser vistos como rivais em potencial. O senso de comunidade se perdeu e o isolamento, o cansaço, a ansiedade e o estresse invadiram as famílias de forma endêmica.⁴

A CRISE DO HERÓI APOLÍNEO

Os jovens de hoje, observando o estado de esgotamento em que o planeta, seus pais e a humanidade em geral se encontram, não desejam mais o que as gerações anteriores foram levadas a desejar. A vida não vivida⁵ que estamos deixando de herança às novas gerações exige delas muito menos desempenho extrovertido ao passo em que implora por maior contemplação, meditação, reflexão, consciência, paciência, união, compreensão, cura e lentificação. Sem exatamente desejar isso, demos à luz uma legião de pessoas com a função sentimento mais desenvolvida, herdeiros dos efeitos da ferida e do estrago inflado e onipotente que impingimos a nós mesmos e ao planeta.

Eles estão se recusando a encarnar e exercer o papel de conquistadores. Mesmo porque, com tanta informação disponível e estando em contato imediato com o desespero e a indisponibilidade emocional de seus pais, sabem bem como está o mercado de trabalho e o mundo em geral e não têm mais a chance de se manter ingênuos como nós o pudemos ser um dia – a onipotência tão característica da adolescência, ao que tudo indica, agora só aparece no abuso de drogas. Estão assustados e acuados, e nós, adultos, sem saber como lidar com toda uma geração de gente jovem que se sente prioritariamente impotente e incapaz de tentar mudar o mundo. Ao mesmo tempo, não colaboramos para que sejam impetuosos enquanto inconscientemente projetamos nossa sombra e predador interno sobre as outras pessoas... Primeiro apresentamos a eles um mundo hostil, na sequência os protegemos desse mundo o máximo que pudemos e, quase de uma hora para outra, queremos que eles saiam e lutem simplesmente “porque chegou a hora”...

Numa idade muito vulnerável, em que ainda não desenvolveu quase nada de seus recursos internos, o jovem de hoje se torna consciente das mazelas do mundo adulto. É como se não precisasse mais viver uma jornada heroica externa como a conhecíamos, pois está vendo e sentindo na própria pele antes de completar sua segunda década de vida o resultado destrutivo e patológico das jornadas unilaterais de seus pais. Numa época em que o que esperávamos é que o jovem fosse meio míope ainda, que se sentisse algo invencível e considerasse o mundo um lugar atrativo, conquistável e transformável, ele se sente desencorajado e desesperançoso, revelando-se agudamente cômico de sua impotência e da calamidade geral que domina a conjuntura externa coletiva. Nossa fé cega na ampliação sem limite da consciência deixa, agora, evidente o seu lado sombrio e destrutivo. Um ego mais consciente não equivale necessariamente a um ego mais forte e capaz.

Nesse sentido, as informações e estatísticas são alarmantes: nos Estados Unidos nunca se morreu tanto devido a overdose de drogas (especialmente opiáceos), que em 2017 já é a primeira causa mortis da população com menos de 50 anos de idade⁶; já no Brasil, o suicídio entre jovens só faz aumentar, e nesse ano passou a representar a quarta maior causa mortis entre as pessoas com idades entre 15 e 29 anos⁷. Ao mesmo tempo, cada vez mais adolescentes

e universitários são diagnosticados com transtornos mentais⁸, o que exige intervenção rápida, especializada e multidisciplinar para que não se tornem crônicos ou evoluam para abuso de substâncias psicoativas ou mesmo suicídio.

Esses dados são especialmente assustadores porque põem em xeque os paradigmas em que muitos de nós acreditaram (ou ainda acreditam) e denunciam o mundo enlouquecedor que ajudamos a criar e ao qual parecemos estar adaptados. Minha experiência clínica com jovens com menos de 25 anos de idade me mostra que, em geral, não há quem convença um adolescente de hoje que dinheiro garanta felicidade, que a competitividade seja sempre necessária e desejável, que uma boa faculdade garanta um bom emprego e uma vida feliz, que esforço e persistência cega sejam a receita do sucesso etc.

O que eles querem? Em resumo, tempo para descobrir quem são e o que lhes toca a alma, qual sua verdadeira vocação, viver relacionamentos profundos e significativos, entender como o mundo funciona e como viver de modo sustentável, mais humanitário e menos exploratório; em resumo, tudo aquilo que a minha geração e as anteriores não puderam perceber ou desejar ou só o conseguiram na metanoia⁹.

E o que será dessa juventude se ela se recusar a estudar e trabalhar para se sustentar e pagar impostos? E o que será de nós, seus pais, tios e avós nesse cenário – teremos que arcar com o sustento dela? Mas há outra pergunta muito pertinente, que talvez nos caiba mais do que as anteriores: não estará essa juventude vivendo nossa vida não vida inclusive nesse sentido? Será que uma parte dessa recusa em encarar uma luta como a nossa não é também uma projeção de nossa vontade ancestral de parar, de descansar, de sair desse ringue, de protestar, questionar e repensar as regras do jogo? E então não serão eles corajosos, sim, e ainda mais do que nós?

Robert Stein é categórico:

"Para o homem moderno o mito do herói não é mais um paradigma adequado. Precisamos de novo paradigma que fomente a ligação da alma em vez do impulso insaciável do herói em direção ao conhecimento, ao poder e à consciência." (STEIN, 1999, p. 256)

Não estaria o arquétipo do herói se transformando, então? Já que o planeta não precisa mais de exploradores e conquistadores, será que o herói de que precisamos e que o self agora constela não seria mais hermético, isto é, mais pendente ao diálogo, à ligação, à criatividade, à preocupação com a continuidade da espécie e à regeneração da natureza?

Estamos cansados e sobrecarregados, endividados e a última coisa que queremos é pensar em sustentar filhos na velhice. Porém se estamos tão desgastados não é exatamente por causa deles, mas pela forma com que vivemos até agora, isto é, por termos encarnado literal e exaustivamente o mito do herói geração após geração. E não é que os jovens de hoje não queiram trabalhar ou sejam preguiçosos – o que não querem é a nossa miséria, o que não querem é repetir a mesma luta, afinal a maioria de nós não está remotamente feliz ou realizada. A recusa deles é um convite ou uma intimação pra que nós nos reavaliemos e nos renovemos. E realmente – se estamos tão frustrados e doentes, como podemos querer que as pessoas que mais amamos se submetam, irrefletidamente, ao mesmo esquema a que nós nos submetemos?

Eles pensam em economia solidária e em meios de transporte não poluentes, muitos são vegetarianos e veganos desde a mais tenra idade, combatem todo tipo de preconceito e intolerância e, como reflexo de toda essa mudança, o curso superior de Psicologia passou a ser um dos mais disputados.

A NECESSÁRIA COMUNHÃO ENTRE LOGOS E EROS

Em outras palavras, como podemos sair das garras do arquétipo do Pai/Mãe Negativo, essa espécie de superego arcaico ou Logos impessoal que "... impõe uma imagem, um ideal ou um conceito universal sobre como o indivíduo deve se comportar em cada situação e em todas as circunstâncias" (STEIN, 1999, p. 278)? Isso é imprescindível, já que

"... as verdades eternas que a alma revela nunca são rígidas – elas estão sempre vivas, sempre passando por mudanças e transformações sutis. A própria alma é sempre dinâmica e transformadora. O Pai/Mãe Negativo ou superego, por outro lado, nada mais é do que as camadas externas agonizantes da alma, a pele velha que a alma precisa deixar cair para que possa reluzir com nova vida." (STEIN, 1999, p. 278)

E acrescenta, afirmando que o superego ou o complexo do Pai/Mãe Negativo não é essencial para o desenvolvimento da consciência mas, sim "... obstrutivo à expressão da mesma, e que sua persistência é mais causada pelo colapso dos rituais de transição que possibilitam ao indivíduo deixar o velho morrer para que o novo emergja." (STEIN, 1999, p. 279)

Enquanto estamos convencidos a lutar, a raciocinar friamente e a focar em objetivos ambiciosos, nossos filhos e netos querem que Eros possa voltar a fluir sem tanto controle, rigidez ou vergonha, e se sentir vivos e conectados uns aos outros. Se a minha geração e as gerações científicas anteriores à minha se apegaram ao Logos, ao pensamento impessoal e portanto negativo, essa nova turma tenta trazer Eros de volta à equação. A questão não é Eros contra Logos, e nem Eros OU Logos – a questão é como humanizar Logos, como casar alquimicamente Logos com Eros. O velho Logos precisa renascer, sim, mas agora norteado pela poderosa necessidade de reconexão com a alma, com o Self.

ENANTIODROMIA, NA AUSÊNCIA DE METANOIA

O termo "enantiodromia", cunhado por Heráclito e muito utilizado por Jung (2001), significa literalmente "correr para o outro oposto" ou "ir para o contrário". Em outras palavras, quando o ego se cristaliza em uma atitude unilateral por um longo período de tempo, o princípio contrário termina por ser ativado no inconsciente, devido à necessidade intrínseca da psique em restabelecer e restaurar o próprio equilíbrio. Como resultado, há um enorme conflito entre a postura anterior e sua sombra emergente, processo este que acaba por produzir uma nova ordem, mais abrangente e equilibrada, mas que envolve uma dose considerável de destruição e sofrimento.

Em outras palavras, a enantiodromia se impõe à psique individual ou coletiva quando um reequilíbrio não ocorre naturalmente no processo de desenvolvimento, ou seja, quando uma determinada posição egóica é mantida de forma antinatural por tempo demais. A metanoia seria, segundo Jung (2001), uma resposta sintônica do ego e da psique como um todo ao chamado para a transformação e a totalidade que acomete com mais ênfase o ser humano em individuação na segunda metade de sua vida: "... não se trata de uma conversão no seu contrário, mas de uma conservação dos antigos valores, acrescidos de um reconhecimento do seu contrário." (JUNG, 2001, p. 68).

Assim, a diferença fundamental entre a enantiodromia e a metanóia estaria na participação da consciência. Enquanto na enantiodromia o movimento em busca do oposto seria drástico e se imporia à revelia do posicionamento egóico, na metanóia existiria a percepção da necessidade de ampliação da

consciência, e ocorreria uma busca ativa de integração do novo e dos opostos, sem necessariamente abrir mão dos valores anteriormente conquistados.

Aplicando esse raciocínio à presente discussão, tudo parece indicar que a dificuldade ou recusa dos jovens em se entregar à corrida heroica seja uma resposta enantiodrômica da psique coletiva ao fato de que os mais velhos enquanto grupo não estarem conseguindo ou podendo dar prosseguimento à sua individuação, isto é, não estarem conseguindo ou podendo entrar em metanoia.

AGEÍSMO OU GENERATIVIDADE?

"O que a juventude encontrou e precisa encontrar fora, o homem no entardecer da vida tem que encontrar dentro de si."

(JUNG, 2011, p. 66, 67)

A genuína necessidade de preparar e cuidar das novas gerações é chamada por CHINEN (2002) de generatividade, termo que ele afirma ter pego emprestado de Erikson (1963) e que significa o desejo e a competência para ajudar os mais jovens e menos experientes. Chinen esclarece que essa preocupação pelos mais novos e pelo futuro da humanidade deveria ocorrer naturalmente durante a segunda metade da vida na psique da pessoa que não tivesse resistido ao chamado da individuação¹⁰; esta seria, aliás,

"... o processo de formação e particularização do ser individual e, em especial, o desenvolvimento do indivíduo psicológico como ser distinto do conjunto, da psicologia coletiva. É, portanto, um processo de diferenciação que objetiva o desenvolvimento da personalidade individual. (...) Uma vez que o indivíduo não é um ser único mas pressupõe também um relacionamento coletivo para sua existência, também o processo de individuação não leva ao *isolamento*, mas a um relacionamento coletivo mais intenso e mais abrangente." (JUNG, 2009, § 853)

O que será que acontece, então, não com nossos jovens, mas com os adultos contemporâneos? Estaria sua maioria fora de contato com seu centro organizador, isto é, vivendo ainda em identificação com a persona e em negação da própria sombra? Se estamos falando sobre adultos resistentes a abrir mão da identificação com o arquétipo do herói e a viver o luto intrínseco à metanoia, esse heroísmo não seria mais um martírio? Tornamo-nos escravos do estilo de vida que herdamos e ajudamos a manter? Já que não conseguimos mais guardar dinheiro/garantir uma aposentadoria minimamente confortável, acaba ficando angustiante demais aceitar a realidade do envelhecimento? Hollis (2017) esclarece: "A individuação é profundamente humilhante. Ela nos obriga a ficar nus diante do dom da vida, da intimação à personalidade, e a aderir à demanda de nos mostrar e contribuir com nossa pequena parte ao contexto maior. ... Quem de fato quer correr esse risco?" (p. 216)

Nesse sentido, enquanto a juventude tem se suicidado cada vez mais e mergulhado no abuso de opiáceos, os adultos e workaholics têm lançado mão cada vez mais, sem receita médica, de medicamentos para aumentar a produtividade, a concentração e a sensação de vitalidade e boa disposição, em uma corrida louca para tentar evitar a percepção do cansaço, da passagem do tempo e, quem

sabe, de uma vida toda vivida no piloto automático robótico.¹¹

A resistência generalizada que se percebe entre os ocidentais perante o amadurecimento e o envelhecimento – uma verdadeira fobia social – pode ser chamada de ageísmo, termo cunhado em 1969 pelo médico gerontólogo e psiquiatra Robert Neil Butler, e que se refere ao comportamento discriminatório perante pessoas ou grupos com base na idade desses indivíduos. Extremamente crítica essa situação, considerando que a população do Ocidente está envelhecendo cada vez mais e a taxa de natalidade, caindo...

Trocando em miúdos, atualmente talvez só mesmo os adolescentes entrando numa crise séria nos obrigue a entrar na metanoia, pois ainda estamos loucamente identificados com o antigo paradigma do herói apolíneo e engajados em sua jornada, no alto dos nossos 50, 60 ou 70 anos de idade.

ADULTOS SEM SÍMBOLO

"Para aquele que tem o símbolo, a travessia é fácil."

(JUNG, 2011a, p. 514)

Os adultos psiquicamente enrijecidos, com a individuação em *standby* e com enorme dificuldade ou medo de se reconectar ao próprio Self, seus símbolos e chamados, são incapazes, como consequência, de exercer seu indispensável papel generativo, isto é, sua habilidade psicopômica ou hermética perante a juventude:

"A diferenciação e o afastamento do ego em relação à psique coletiva tem seu ápice na adolescência e pode acarretar uma neurose. Um ego defendido que não busque ou permita o trabalho mediador e transcendente do psicopompo é, na realidade, enrijecido, vulnerável e projetivo, e como consequência um transtorno paranoico também pode se manifestar no psiquismo. Já a falência na diferenciação do ego perante o Self tende a culminar nos mais variados transtornos psicóticos devido à inflação ... Para que o ego em processo de diferenciação consiga construir um relacionamento saudável com a psique coletiva – dando continuidade ao desenvolvimento psíquico –, o jovem vai precisar do auxílio de um terceiro, de alguém que aceite e tenha condições psicológicas para receber a projeção do arquétipo do psicopompo. Trata-se de um tipo bem específico de herói, que não só já passou e, em grande parte, superou as dificuldades típicas de um adolescente como é capaz de encorajar ou desafiar criativamente o movimento psíquico deste, viabilizando e fomentando nele a atuação da função transcendente. Esta se traduz no relacionamento dialético entre consciente e inconsciente, ou seja, na união alquímica e transformadora entre os opostos, cujo efeito imediato é a ampliação da consciência." (SEIXAS, 2014, p. 10).

CONCLUSÃO

Para resumir, na atualidade os adultos aparentemente bem adaptados às exigências da vida moderna estão precisando tanto quanto ou mais de acompanhamento psicoterapêutico que seus filhos (ou alunos), os quais costumam assumir inicialmente e com mais frequência o lugar dos grandes desequilibrados, problemáticos e psicologicamente doentes da família. Nesse sentido é possível dizer que a crise desesperadora em que os mais novos têm entrado pode ser

interpretada como saudável (apesar de seu caráter enantiodrômico), pois acaba conseguindo arrastar a família toda para terapia, dentro da qual – espera-se – o psicoterapeuta agirá hermeticamente e reinstaurará o funcionamento da função transcendente no grupo. Outra função que o analista precisará desempenhar é a de agente discriminador e diferenciador entre as várias personalidades e conteúdos projetados e atuados em cena, o que provavelmente resultará no encaminhamento também dos adultos para um processo analítico individual. Com o auxílio deste – espera-se – os mais velhos conseguirão, aos poucos, reconhecer, recolher e se assenhorar da parte da crise que, na realidade, é originalmente sua, sendo este o primeiro passo no processo de reconexão com o próprio Self, no entrar em metanoia e no futuro exercício da generatividade perante os mais jovens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encerro a presente discussão transcrevendo duas reflexões – a primeira de um acadêmico de 77 anos de idade que pesquisa e trabalha com crianças e adolescentes no ambiente escolar há quase 50 anos, e a segunda de uma adolescente de 15 anos.

“O individualismo não funciona mais”, afirma David Johnson, professor de Psicologia Educacional na Universidade de Minnesota nos Estados Unidos, um dos criadores do conceito de aprendizagem cooperativa que é fruto de extensos estudos realizados em parceria com seu irmão Roger desde 1960 e que lhes rendeu em 2007 o prêmio “Brock International Prize for Education”, concedido pela Universidade de Oklahoma.

“Se as escolas promovem a cultura de ser o número um, ao mesmo tempo estão incentivando esses mesmos alunos a desestimular e obstruir os esforços dos outros. Nas competições só ganham alguns poucos. ... Não faz sentido que os alunos compitam uns com os outros para ver quem tira dez e fica acima dos outros. ... No início dos anos 2000, uma pesquisa de uma empresa de consultoria observou que a principal razão pela qual os norte-americanos abandonam seus empregos é a falta de habilidades sociais de seus chefes. ... Cada vez que dois alunos trabalham juntos, o relacionamento muda: eles se entendem melhor e se apoiam mutuamente tanto no aspecto acadêmico quanto no pessoal. Quando não competem, sua saúde mental melhora; ganham autoestima e sua capacidade de lidar com o estresse melhora. O grau de vínculo emocional entre os estudantes tem um profundo efeito *[positivo]* sobre seu comportamento em sala de aula. ... As crianças que necessitam de tratamento psicológico costumam ter menos amigos e suas amizades são menos estáveis no longo prazo. A essência da saúde psicológica é a capacidade de construir, manter e modificar as relações com os outros para alcançar determinados objetivos. Aqueles que não são capazes de lidar com isso geralmente apresentam níveis mais elevados de ansiedade, depressão, frustração e sentimentos de solidão. São menos produtivos e menos eficazes no combate à adversidade.”¹²


Abaixo está a transcrição de um discurso, escrito por S., vencedor de um concurso proposto por uma escola de idiomas agora no segundo semestre de 2017, na cidade de São Paulo. Os pais de S. procuraram os meus serviços há quase 3 anos para tratar de suas intensas crises de angústia acompanhadas por tentativas de suicídio. S., estudiosa de literatura, artes plásticas, cinema e história, me contou que havia escrito tal texto no momento em que eu terminava o presente artigo e refletia sobre sua conclusão. Sincronicamente, o desfecho adequado caiu no meu colo:

“Imaginação é mais importante do que conhecimento”¹³

Essa frase motivacional batida foi cunhada por um homem muito popular. Talvez você o reconheça pelo cabelo bagunçado, barba mal feita e olhar tão profundo quanto o universo. Albert Einstein foi (e ainda é) considerado um dos homens mais inteligentes de todos os tempos por todo o mundo... menos por si mesmo.

Essa afirmação deixa claro o motivo pelo qual Einstein, ao contrário de muitos cientistas, não acreditava ser um prodígio da matemática, visto que foi considerado um fracasso por seus professores por conta de suas notas baixas: ele sabia que as fantásticas teorias que desenvolvia e que nós usamos e valorizamos até hoje se deviam não exatamente ao seu raciocínio lógico-matemático, mas à sua criatividade e imaginação diferenciadas. Os números por si só não significavam grande coisa para ele, e nada mais eram do que um meio que usava para confirmar ou não o que imaginava. Há um engano cultivado em vários ambientes e especialmente escolas – a ideia de que criatividade e inteligência sejam irreconciliáveis. Na minha vida, presenciei muitos artistas – inclusive eu mesma – sendo desencorajados de praticar sua arte por um Conselho que concluía que a arte distraía aquelas pessoas do que realmente deveria ser importante: suas notas.

Não estou dizendo que manter notas boas não seja importante, mas se vamos à escola para aprender sobre o mundo em toda a sua maravilha e desgraça, falta algo fundamental nas aulas para dar sentido a esse processo: já que somos nós que vamos ter que transformar as coisas, é preciso ficar claro que a única forma de conseguirmos isso será por meio das nossas ideias pessoais. Eu estava tão atolada de tarefas escolares que quase desisti de escrever esse discurso. Pensava em como dizer à minha professora que não concorreria mais quando tive um insight: eu estava me permitindo pensar que acumular o conhecimento que me pediam era mais importante do que a minha voz, minha criatividade. Estudar me informa sobre como as coisas acontecem, mas a imaginação me faz querer questionar, me faz refletir, e mais importante de tudo, me torna eu mesma. O estudo é uma ferramenta, e a imaginação é a razão pela qual ainda sobrevivemos. Nada teria sido descoberto ou criado se uma pessoa ousada não tivesse tido uma ideia louca.

Então quero terminar esse discurso lembrando a vocês, professores, pais, colegas, todo mundo que tenha uma imaginação do tamanho do infinito: estudar e guardar informação é apenas uma parte do processo. Não podemos deixar as ideias morrerem e não podemos deixar nossas lampadinhas se apagarem. Precisamos cultivar a criatividade uns dos outros, afinal imaginar é o que nos mantém seguindo em frente. Obrigada.” 

1. BROWN, B. *Braving the wilderness*. Amazon Serviços de Varejo do Brasil, Kindle Edition, 2017.

2. WHITMONT, E.C. *O retorno da deusa*. São Paulo: Summus Editorial, 1991.

3. CAMPBELL, J. *A jornada do herói*. São Paulo: Ágora Editora, 2004.

4. BROWN, B. *Braving the wilderness*. Amazon Serviços de Varejo do Brasil, Kindle Edition, 2017. (Brené Brown é uma pesquisadora americana com phd em Sociologia e pesquisa sobre coragem, a vulnerabilidade e vergonha há 20 anos.)

5. JOHNSON, R.A.; RUHL, J.M. *Viver a vida não vivida*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010.

6. KATZ, J. Drug deaths in America are rising faster than ever. In: *The New York Times*. Nova Iorque, E.U.A.: The New York Times Company, 2017. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/interactive/2017/06/05/upshot/opioid-epidemic-drug-overdose-deaths-are-rising-faster-than-ever.html>>. Acesso em: 22 de out. 2017.

7. REDAÇÃO GALILEU. Número de suicídios aumentou 12% no Brasil, mostra Ministério da Saúde. In: *Revista Galileu*. Porto Alegre: Editora Globo, 2017. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Saude/noticia/2017/09/numero-de-suicidios-aumentou-12-no-brasil-mostra-ministerio-da-saude.html>>. Acesso em: 22 de out. 2017.

8. PAINS, C. Um em cada três adolescentes no país sofre de transtornos mentais comuns. In: *O Globo*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/um-em-cada-tres-adolescentes-no-pais-sofre-de-transtornos-mentais-comuns-19356875>>. Acesso em: 22 de out. 2017.

9. Metanóia: palavra de origem grega (μετάνοια, *metanoia*) e significa arrependimento, conversão (tanto espiritual, como intelectual), mudança de direção e mudança de mente; mudança de atitudes e temperamentos; caráter trabalhado, amadurecimento. METANOIA, In: *Dicionário online de português*. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/metanoia/>>. Acesso em: 22 de out. 2017.

10. CHINEN, A.B. *In the ever after*. Estados Unidos da América: Xlibris Corporation, 2002.

11. NEVES, M.L. As drogas da eficiência. In: *Marie Claire*, edição 319, p. 74 - 77. São Paulo: Editora Globo, 2017.

12. MENÁRGUEZ, A.T. "Os alunos que não competem têm melhor saúde mental", diz educador. In: *El País*, edição brasileira: 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/02/economia/1506942650_496359.html>. Acesso em: 22 de out. 2017.

13. Publicação autorizada pela autora e seus respectivos responsáveis legais. Identidade dos envolvidos protegida e assegurada pelo Código de Ética estabelecido pelo Conselho Federal de Psicologia de 27 de agosto de 2005, disponível em <http://www.crpsp.org.br/portal/orientacao/codigo/fr_codigo_etica_new.aspx>.

BROWN, B. *Braving the wilderness*. Amazon Serviços de Varejo do Brasil, Kindle Edition, 2017.

CAMPBELL, J. *A jornada do herói*. São Paulo: Ágora Editora, 2004.

CHINEN, A.B. *In the ever after*. Estados Unidos da América: Xlibris Corporation, 2002.

HOLLIS, J. *Assombrações: dissipando os fantasmas que dirigem nossas vidas*. São Paulo: Editora Paulus, 2017.

JOHNSON, R.A.; RUHL, J.M. *Viver a vida não vivida*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010.

JUNG, C.G. *O eu e o inconsciente*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

_____. *Psicologia do Inconsciente*. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

_____. *Símbolos da Transformação*. Petrópolis: Editora Vozes. 2011^a.

_____. *Tipos psicológicos*. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

KATZ, J. Drug deaths in America are rising faster than ever. In: *The New York Times*. Nova Iorque, E.U.A.: The New York Times Company, 2017. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/interactive/2017/06/05/upshot/opioid-epidemic-drug-overdose-deaths-are-rising-faster-than-ever.html>>. Acesso em: 22 de out. 2017.

MENÁRGUEZ, A.T. "Os alunos que não competem têm melhor saúde mental", diz educador. In: *El País*, edição brasileira: 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/02/economia/1506942650_496359.html>. Acesso em: 22 de out. 2017.

NEVES, M.L. As drogas da eficiência. In: *Marie Claire*, edição 319, p. 74 - 77. São Paulo: Editora Globo, 2017

PAINS, C. Um em cada três adolescentes no país sofre de transtornos mentais comuns. In: *O Globo*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/um-em-cada-tres-adolescentes-no-pais-sofre-de-transtornos-mentais-comuns-19356875>>. Acesso em: 22 de out. 2017.

REDAÇÃO GALILEU. Número de suicídios aumentou 12% no Brasil, mostra Ministério da Saúde. In: *Revista Galileu*. Porto Alegre: Editora Globo, 2017. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Saude/noticia/2017/09/numero-de-suicidios-aumentou-12-no-brasil-mostra-ministerio-da-saude.html>>. Acesso em: 22 de out. 2017.

SEIXAS, P.C. *Iron Maiden: um psicopompo no heavy metal*. Monografia (Especialização em Psicoterapia Junguiana) – Pós-graduação da Faculdade de Psicologia, UNIP, São Paulo, 2014.

STEIN, R. *Incesto e amor humano: a traição da alma na psicoterapia*. São Paulo: Editora Paulus, 1999.

WHITMONT, E.C. *O retorno da deusa*. São Paulo: Summus Editorial, 1991.